

Doc. 11111
 Fonte: DESP (The Wall Street J.A.)
 Data: 16/10/2003 Pg. B10
 Class: APGR 0073

Gasodutos na Amazônia põem Lula em atrito com base ambientalista

POR MATT MOFFETT
 THE WALL STREET JOURNAL

MANAUAS — Quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu como o primeiro presidente de esquerda eleito no Brasil em janeiro, os ambientalistas comemoraram. Eles consideravam o co-fundador do Partido dos Trabalhadores progressista e "verde" em suas políticas.

"A gente acreditava em Lula", diz Jecinaldo Satere Mawe, líder indígena que trabalhou por anos com ambientalistas para

O QUE WALL STREET LÊ SOBRE O BRASIL

impedir que a Petrobrás construísse dois gasodutos em parte da Floresta Amazônica.

Para consternação dos ambientalistas, no entanto, o governo de Lula acredita nos gasodutos. Guiado por pressões econômicas, temores de uma crise de abastecimento e compromissos políticos, Lula tornou a formação de um suprimento confiável de combustível no País uma das prioridades de seu ambicioso programa na Região Amazônica. A Petróleo Brasileiro SA planeja começar a construir dois ductos no início do próximo ano como parte central de um projeto de US\$ 1 bilhão para levar gás natural do grande campo Urucu para as cidades da região, na margem da floresta.

Os ativistas estão montando um último esforço para impedir a Petrobrás de seguir adiante, no que está se tornando uma grande batalha ambientalista para o governo

Fantasma da falta de energia exige obras a que aliados verdes do PT se opõem.

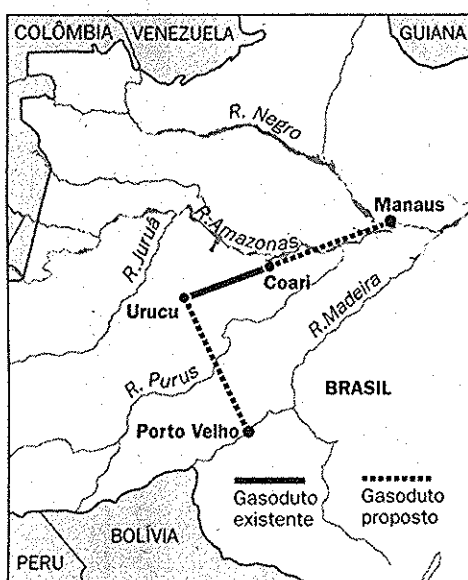
Lula — com muitas outras podendo surgir à frente. O presidente quer injetar bilhões de dólares em rodovias, ferrovias, hidrovias, aeroportos e outros projetos que poderiam mudar a cara da floresta. Ele está até reconsiderando um projeto suspenso há muito tempo para a construção de uma das maiores barragens do mundo na Amazônia.

"Esta região não pode ser tratada como se fosse uma coisa do outro mundo, intocável, em que as pessoas não têm direito aos benefícios", disse Lula em um discurso em junho.

A oposição aos gasodutos tem impedido a Petrobras de recuperar seus US\$ 7 bilhões em investimento na exploração e desenvolvimento na Amazônia. Ao mesmo tempo, consumidores de energia no resto do País precisam pagar US\$ 500 milhões por ano para subsidiar consumidores de cidades amazônicas, que usam diesel para gerar eletricidade, um combustível mais poluente e mais caro.

O programa do governo surpreendeu e agradou industriais e latifundiários, que esperam que a credibilidade de Lula com a esquerda ajude a romper tabus e aplacar temores ambientalistas sobre o desenvolvimento da Amazônia. Os gasodutos ficaram "mais fáceis de ser construídos com o Lula porque ele tem muita credibilidade", diz Virgílio Mauricio Viana, secretário do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Amazonas.

Os laços de Lula, 57 anos, com ambientalistas que remontam à sua amizade com Chico Mendes, co-fundador do PT que se



tornou um símbolo internacional de luta contra o desenvolvimento predatório depois que foi assassinado em 1988.

No projeto Urucu e em muitas outras questões, Lula, cuja vitória eleitoral no ano passado assustou mercados financeiros por suas tendências de esquerda, conseguiu fazer uma agenda mais conservadora, embora com alguns toques progressistas, avançar mais do que alguns de seus predecessores mais de direita jamais conseguiram. Em seu primeiro ano de governo, Lula combateu a inflação com taxas de juros altíssimas, batalhou por cortes na Previdência que revoltaram sindicalistas aliados, e reduziu gastos para conseguir um superávit no orçamento.

Por natureza, "Lula é um pragmático", diz Paulo Adário, coordenador da campanha Greenpeace Amazônia. Adário diz que a agressiva política de desenvolvimento de energia de Lula ganha força por causa da crise de energia vivida por seu predecessor, Fernando Henrique Cardoso, que forçou o País a um drástico racionamento e minou o apoio ao seu governo.

Lula assustou ambientalistas no mês passado, quando revelou seu plano para o desenvolvimento de infra-estrutura de quatro anos e US\$ 66 bilhões. O "Brasil de todos" inclui planos para dobrar a capacidade de geração da hidrelétrica de Tucuruí no leste da Amazônia, bem como uma revisão no projeto de construir a represa de Belo Monte, de US\$ 4 bilhões. Localizada no Rio Xingu, a Belo Monte seria o terceiro maior projeto hidrelétrico do mundo em termos de geração de energia, e causaria a inundação de cerca de 400 quilômetros quadrados.

Embora o governo talvez não consiga financiamento para todos os projetos, só os planos podem levar à devastação das matas, à medida que especuladores de terra e colonizadores atacam propriedades de alto valor, diz Roberto Smeraldi, chefe do braço brasileiro do Núcleo Amigos da Terra.

Há sinais de que a destruição tem ocorrido num ritmo acelerado. Imagens colhidas recentemente por satélites mostram que uma fatia de 25.500 quilômetros quadrados da floresta foi varrida nos doze meses encerrados em agosto de 2002, o maior nível de destruição nos 14 anos em que há dados disponíveis. Um grupo de ministros que se reuniram em julho para discutir novas políticas contra a devastação ainda não tomou nenhuma medida profunda.

O governo, trabalhando com autoridades locais e empresas, está se movendo rapidamente em seus esforços para lançar alguns projetos. Uma prioridade é pavimentar um trecho de 700 quilômetros da rodovia

BR-163, que conecta o Mato Grosso ao coração da Amazônia. Produtores de soja dizem que uma recuperação da estrada permitirá que eles ampliem as exportações em quase US\$ 2 bilhões por ano, mas ambientalistas argumentam que isso promoverá a exploração de vastas áreas de mata virgem.

A Petrobrás, que tem ações negociadas na Bolsa de Nova York e faturou US\$ 22 bilhões no ano passado, teve sua reputação ambiental manchada por uma série de desastres, como os vazamentos de petróleo na Baía de Guanabara e no Rio Iguaçu em 2000. Neste último caso, autoridades ambientais brasileiras deram à Petrobrás uma multa equivalente a US\$ 50 milhões, a maior na história do País. A companhia ainda está contestando a multa.

Esses desastres, somados à forte oposição por parte de políticos amazonenses e ecologistas, quase mataram o projeto de Urucu no ano passado, mas depois da eleição de Lula, ele voltou à agenda.

O presidente tem tentado reduzir a reputação da Petrobrás de uma empresa monolítica e totalmente voltada aos negócios. Lula nomeou um geólogo e senador do PT, José Eduardo Dutra, para presidir a empresa e pôs outros membros do partido em posições-chave. Sob a nova liderança, a companhia tem aumentado seus esforços comunitários, inclusive com uma campanha para erradicação da fome.

O governador do Amazonas, Eduardo Braga, do esquerdista Partido Popular Socialista, diz que a estatal se comprometeu a criar um fundo de compensação para as áreas afetadas pelo projeto de US\$ 15 milhões, o que vai ser usado para programas sociais e indústrias sustentáveis. A Petrobrás diz que ainda está negociando essa cifra.

O campo Urucu, descoberto em 1986, representava 20% de todas as reservas de gás do País, até que um campo ainda maior foi descoberto este ano no litoral do Estado de São Paulo. A Petrobrás quer construir um gasoduto para levar o gás de Urucu

Impasse em Urucu tem custado milhões de dólares à Petrobrás.

desde um terminal na cidade de Coari até o centro industrial de Manaus, a 450 quilômetros. Outra linha de Urucu teria 550 quilômetros, indo para o sul, até o centro comercial de Porto Velho, em Rondônia.

Autoridades do governo dizem que o projeto Urucu criaria cerca de 5.000 empregos na construção, numa época em que um terço da força de 20.000 operários da construção do Estado está desempregada. Mas o desenvolvimento pode trazer problemas sociais junto com os ganhos econômicos. Royalties de petróleo estão ajudando a construir escolas e hospitais em Coari, mas também estão deflagrando um crescimento frenético, assim como aumento do tráfico de drogas e da prostituição infantil.

Desde que a Petrobras começou a construir seu oleoduto nos anos 90, Coari viu sua população dobrar para 70.000 pessoas. Até Braga, que defende os ductos, admite que o petróleo trouxe a Coari "todos os problemas que o Oeste americano teve na era da corrida do ouro."